

Elas, as boas de bola: futebol no sertão norte-mineiro entre a prática e a resistência

They, the good ones with the ball: football in the backlands of north Minas Gerais between practice and resistance

Andréia Luciana Ribeiro de Freitas

Escola Estadual Eloy Pereira, Montes Claros/MG, Brasil
Mestrado em História, Unimontes, Montes Claros/MG, Brasil
andreialucianar@gmail.com

Alex Sander Freitas

Unimontes, Montes Claros/MG, Brasil
Doutorado em Ciências da Saúde, Unimontes

Ester Liberato Pereira

Unimontes, Montes Claros/MG, Brasil
Doutorado em Ciências do Movimento Humano, UFRGS

RESUMO: O futebol de campo feminino, em Montes Claros, cidade localizada na região norte de Minas Gerais, emerge, de uma forma oficial, por volta do ano de 1973, com esforços dos dois times da cidade, Cassimiro e Ateneu, que se dispuseram a criar plantéis de atletas. No Brasil, a deliberação nº 7, de 1965, do Conselho Nacional de Desportos (CND), proibia a prática de futebol de campo e de salão para as mulheres, reservando-os como práticas esportivas masculinas. Assim, o presente trabalho utilizou a narrativa de uma ex-atleta e as reportagens publicadas no *Jornal de Montes Claros*, no início da década de 1980, para entender os discursos que permeavam a prática do futebol de campo feminino. Inferimos que o futebol feminino foi abarcado pela população montes-clarense. No entanto, havia a permanência dos sistemas coercitivos e do discurso de fragilidade feminina para a manutenção do espaço esportivo como masculino; em contrapartida, a prática do futebol também era espaço de transgressão feminina.

PALAVRAS-CHAVES: Futebol; Gênero; Análise de Discurso; História Regional.

ABSTRACT: Women's field football in Montes Claros, a city located in the northern region of Minas Gerais, emerged, in an official way, around the year 1973, with the efforts of the two city teams, Cassimiro and Ateneu, which were willing to create squads of athletes. In Brazil, deliberation no. 7, from 1965, of the National Sports Council (CND), prohibited the practice of field and indoor football for women, reserving them as male sports practices. Thus, the present work used the narrative of a former athlete and the reports published in *Jornal de Montes Claros*, in the early 1980s, to understand the discourses that permeate the practice of women's field football. We infer that women's football was embraced by the Montes Claros population. However, there was the permanence of coercive systems and the discourse of feminine fragility for the maintenance of the sportive space as masculine; on the other hand, the practice of football was also a space of feminine transgression.

KEYWORDS: Football; Gender; Discourse Analysis; Regional History.

INTRODUÇÃO

A prática de esportes pelas mulheres foi vetada, controlada e definida por políticas de Estado e regras de condutas sociais que as impediam de efetuar determinadas modalidades consideradas inapropriadas à fragilidade feminina.¹ A gentileza, a passividade e a identidade reprodutiva das mulheres poderiam ser alteradas pela prática de esportes vigorosos, além de ameaçar sua delicadeza primordial ao seu objetivo final: o matrimônio.² O esporte, como fenômeno cultural, social e político, é um campo fértil para a busca de respostas quanto às relações de poder e representações femininas na luta por espaços de prática diante de um contexto socialmente determinado como de atuação masculina.

No Brasil, uma história institucional do esporte teve início em 1937, quando foi criada a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura e, vinculado a este, em 1941, o Conselho Nacional de Desportos (CND). Em 14 de abril de 1941, foi promulgado o Decreto-Lei nº 3.199, que regulamentava o desporto, no país, contendo, em seu Artigo 54º, o seguinte: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Este Decreto foi reforçado pelo CND em 1965, quando foram estabelecidas regras para a participação feminina nos esportes e, por meio da Deliberação nº 7, estipulou-se que as mulheres não praticassem os seguintes esportes: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo, halterofilismo e basebol”.³

Em 1975, o CND atualiza o Decreto-Lei nº 3.199/41, pela Lei nº 6.251 que, em seu Artigo 2º, ratifica as regras já pré-estabelecidas. Mesmo que esse documento, e outros criados posteriormente, se tornassem oficiais, é pertinente dizer que a vida lhes escapa, pois, embora marginalmente, as mulheres nunca deixaram de praticar o futebol. Os esportes seduziam e desafiavam muitas mulheres que, indiferentes às convenções morais e sociais, aderiram à sua prática, independentemente do discurso hegemônico da interdição.⁴ Esse discurso de interdição baseava-se em várias alegações; entre elas, a condição materna, delegada socialmente às mulheres, além

¹ LOURO. *Gênero, sexualidade e educação*.

² HOLT. *Primeiros esportes*.

³ MOURÃO. *Gênero e educação: teoria e política*.

⁴ NETTO. *Esporte libertador da mulher*.

do fato da arena esportiva ser um espaço único, que torna os homens fortes, ao estruturar a supremacia masculina.⁵

As proibições são reflexos do sistema de controle, que posiciona as mulheres em condição inferior no desenvolvimento de habilidades atléticas que aplicariam, aos seus corpos, exigências extremas, prejudicando sua capacidade materna.⁶ Dos corpos das mulheres, esperava-se que elas pudessem modificar seus hábitos para ter saúde, o que era entendido como um corpo para a maternidade; já com relação aos homens, seus corpos deveriam estar ligados ao esporte de competição.⁷ O perigo estava em submeter os órgãos reprodutivos femininos às atividades físicas e desportivas que poderiam prejudicar a capacidade reprodutiva feminina.⁸ A educação dos corpos femininos e masculinos se diferenciava em objetivos e oportunidades, ao conduzir a uma inferiorização das mulheres, aspecto este que se tornou evidenciado no sistema social.⁹

A entrada das mulheres no esporte, assim como em outras esferas da sociedade, é um ato transgressor, que emerge das ações de resistência e busca de legitimação da presença feminina.¹⁰ Incentivadas, ou não, a participarem de determinadas modalidades, a ampliação da participação feminina no esporte possibilitou a emergência da atuação das mulheres nas várias áreas da sociedade e da cultura, ao reconhecê-las nos espaços públicos, políticos e nos meandros do cotidiano.¹¹

O futebol de campo carrega, em sua estrutura, uma base ideológica voltada à construção da masculinidade e virilidade.¹² Inicialmente, sua prática era destinada ao público de homens, majoritariamente brancos e da elite. Portanto, vem sendo agregado, na cultura, como um interesse masculino obrigatório.¹³ Mas, o futebol se

⁵ KNIJNIK. *A mulher brasileira e o esporte*.

⁶ GLEYSE; SOARES. Os manuais escolares franceses de Educação Física, de Higiene e de Moral seriam sexistas? (1880-2004).

⁷ GOELLNER; FARIA. *Bela, maternal e feminina*.

⁸ GLEYSE; SOARES. Os manuais escolares franceses de Educação Física [...].

⁹ BEAUVOIR. *O segundo sexo*.

¹⁰ TOLVHED. "Sex dilemmas, amazons and cyborgs: feminist cultural studies and sport".

¹¹ NETTO. *Esporte libertador da mulher*. GOELLNER. *Mulheres e esporte no Brasil*.

¹² GOELLNER; FARIA. *Bela, maternal e feminina*. JANUÁRIO. *Modos de ver*.

¹³ LOURO. *Gênero, história e educação*.

popularizou; e, ao fazer parte do cotidiano da população negra e das classes populares, a presença feminina foi descartada com a justificativa de que “filhas de boa família não devem se misturar com jogadores de futebol”.¹⁴

Tal afirmação nos remete à exclusão das mulheres desde a arquibancada até o campo de futebol. Isto nos leva a refletir: como, então, as mulheres ocuparam o âmbito da prática do futebol de campo? O Brasil, conhecido como o país do futebol, evidencia a hegemonia masculina nesta prática, haja vista a discrepância de gênero em relação às condições de visibilidade e reconhecimento social. O futebol de campo praticado por mulheres parece ser tolerado pela sociedade, ao obedecer a uma lógica intermitente de expansão e refluxo, lógica fundamentada por um sistema de proibições e permissões instaurado desde o século XIX.¹⁵

A partir do panorama exposto, tivemos, como objetivo, entender o início e a manutenção da prática do futebol de campo por mulheres na cidade de Montes Claros, localizada na região norte do estado de Minas Gerais, bem como analisar os discursos que permeiam essa prática. Estudos e pesquisas que proporcionem uma reflexão crítica acerca da presença das mulheres no esporte permitem entendimentos sobre a marginalização das experiências femininas, considerando os contextos e relações estabelecidas no reforço de determinados valores sociais. Desta forma, pretendemos avançar na produção de conhecimentos acerca da prática do futebol feminino no âmbito regional, a fim de salientar a jornada das mulheres por ocupação de espaços. Nossa contribuição aos estudos sobre discussões de gênero no esporte ampara-se, assim, em um entendimento do esporte enquanto campo de contestação e luta em relação à dominação masculina.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa histórica, que busca entender a participação feminina na prática do futebol de campo, na cidade de Montes Claros, no final da década de 1970 e início de 1980. Outra pretensão do trabalho é

¹⁴ WITTER. *O que é futebol*, p. 58.

¹⁵ FRANZINI. Futebol é "coisa para macho"?

analisar os discursos que permeavam a prática do futebol feminino. Para contemplar os objetivos propostos na pesquisa, o *corpus* documental foi composto de dois conjuntos de fontes: fontes impressas e fonte oral.

Os jornais integram a vida cotidiana das pessoas, o que permite, ao(a) pesquisador(a), captar as práticas sociais, os costumes e o folclore da sociedade, além dos interesses de determinados grupos.¹⁶ Ao partir desse pressuposto, para compor o primeiro conjunto de fontes do *corpus* documental desta pesquisa, utilizamos, como fonte impressa, exemplares do *Jornal de Montes Claros (JMC)*.

O papel da imprensa local é tornar públicas as decisões, as reivindicações, e os demais acontecimentos ocorridos na região, o que torna o jornal do interior a principal fonte de informação. Há uma relação de cumplicidade entre o leitor e o veículo de comunicação, em que estaria subentendida a busca pela informação local. Existe uma profunda interação entre leitor e mídia, que ultrapassa a situação de estar meramente atualizado e informado, possibilitando a participação do leitor no fato veiculado.¹⁷

A imprensa, como fonte de pesquisa, não pode ser isolada da realidade social da qual está inserida, representando um instrumento de manipulação e intervenção na vida cotidiana de uma dada sociedade. O discurso jornalístico obedece às regras históricas e é resultado de uma posição sócio-histórica, na qual os enunciadores se revelam substituíveis e o conteúdo apresentado está ligado ao seu tempo. Os discursos construídos pelos jornais estão balizados pelo contexto em que foram criados.¹⁸

O uso do *JMC*, como fonte de pesquisa, permitiu constataremos os espaços e os eventos que envolviam a prática do futebol de campo feminino que se efetuavam na cidade de Montes Claros, no final da década de 1970 e no início da década de 1980. Além disso, o jornal possibilitou identificarmos mulheres que participavam dos eventos esportivos, seja como atletas, técnicas, organizadoras, professoras, etc. Foram identificadas, por meio das notícias veiculadas pelo *JMC*, 32 jogadoras de futebol de campo em Montes Claros. A maioria das jogadoras atuavam nos times das fábricas da cidade e também compunham o plantel feminino dos dois maiores times da

¹⁶ CAPELATO. *História da imprensa no Brasil*.

¹⁷ FERNANDES. A proximidade como valor-notícia na imprensa do interior.

¹⁸ MAINGUENEAU. *Novas tendências em Análise do Discurso*.

cidade: Cassimiro e Ateneu. Do plantel de jogadoras que atuaram no período entre 1973 e 1986, localizamos apenas a ex-atleta do futebol feminino do clube Ateneu, Gláucia Eliana Rodrigues, que iniciou no esporte no ano de 1979, aos 14 anos de idade. Ao partirmos da narrativa de Gláucia e das fontes documentais, foi possível retratar e entender o âmbito da prática do futebol feminino na cidade de Montes Claros. Devemos salientar que as jogadoras ficavam vinculadas aos clubes e participavam dos treinamentos mesmo após alcançarem idades consideradas avançadas para a prática do futebol de campo; isso se dava para auxiliar na formação de novo plantel e permanecerem na prática do esporte.

A construção de fontes, ao utilizarmos a história oral, permitiu a imersão no universo e no período estudado, por meio das vivências das pessoas entrevistadas. “A história oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história” e, desta forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”.¹⁹ Com o intuito de atender as necessidades da pesquisa, optamos por utilizar a história oral temática, tendo, como base, a perspectiva de José Carlos Sebe B. Meihy e Suzana L. Salgado Ribeiro, na obra *Guia prático de história oral para empresas, universidades, comunidades e famílias*, publicada em 2011. Nesta obra, os autores propõem que a história oral pode ser classificada em: história oral de vida, história oral testemunhal, história oral temática, tradição oral e bancos de história. “A história oral temática é quase sempre, usada como técnica, pois, articula, na maioria das vezes, um diálogo com outros documentos”.²⁰ Ressaltamos que, na história oral temática, identificam-se detalhes da história pessoal do narrador que revelam fragmentos úteis aos eventos, acontecimentos e/ou ao assunto central da pesquisa.²¹ Nesse aspecto, o estabelecimento da própria vida cotidiana demanda a necessidade da escuta e da narrativa, bem como da consequente compreensão de saberes, determinada por meio destas, como adverte a historiadora Lucília Delgado:

Por ser uma experiência através da qual se compartilha o registro das lembranças, transforma a narrativa em processo compartilhado que inclui em si as seguintes dimensões: estímulo ao narrar, ato de contar e lembrar e disponibilidade para escutar. Fala, escuta e troca de olhares

¹⁹ ALBERTI. História dentro da História, p. 155.

²⁰ MEIHY; RIBEIRO. *Guia prático de história oral para empresas, universidades, comunidades e famílias*.

²¹ MEIHY; RIBEIRO. *Guia prático de história oral para empresas, universidades, comunidades [...]*.

compõem a dinâmica desse processo único e essencial à vida humana, pois não se vive em plenitude sem a possibilidade de escutar, de contar histórias e de se apreender sob a forma de conhecimento, ou melhor, de sabedoria, o conteúdo narrado.²²

Salientamos que o presente artigo é um recorte de um projeto de pesquisa guarda-chuva mais amplo, vinculado ao Centro de Memória do Esporte da Universidade Estadual de Montes Claros (CEMESP-Unimontes). O projeto de pesquisa é intitulado: “Esporte e Educação Física em Montes Claros/MG: uma proposta de registro de narrativas orais de mulheres e homens” e busca a recolha e registro de narrativas orais de atletas, ex-atletas, técnicos(as), treinadores(as) e demais personagens envolvidos(as) no âmbito esportivo da cidade de Montes Claros.²³

A análise e interpretação, tanto das fontes escritas oriundas da página esportiva do *JMC*, quanto da narrativa oral transcrita da entrevista da ex-atleta Gláucia Rodrigues, foram feitas com o uso da Análise de Discurso (AD). Discursos possibilitaram um entendimento do espaço empírico, dos sujeitos ali presentes, das relações de poder e do contexto em torno da construção e divulgação da participação feminina na prática do futebol feminino. A análise do discurso permite, ao(à) pesquisador(a), permanecer ou deslocar as transformações do sujeito de uma dada realidade histórica e social. Permite entender os discursos possíveis para determinado período de tempo e espaço, ao entender que não haverá discurso sem sujeito, nem sujeito livre de ideologias.²⁴

Para atender as necessidades da pesquisa, utilizamos AD baseada nos conceitos construídos a partir das perspectivas teóricas de Michel Pêcheux,²⁵ Michel Foucault²⁶ e Eni Orlandi.²⁷ Desta forma, entendemos que a aplicação da AD foi adequada à materialização do discurso ou textualização do *corpus* documental da pesquisa, que, neste caso, se fez pelos jornais impressos e pela transcrição da entrevista. A partir dos textos das fontes, se faz o recorte da unidade de análise; no caso, o enunciado.

²² DELGADO. História oral e narrativas, p. 23.

²³ O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unimontes e aprovado pelo parecer substanciado número: 4839035, de 09 de julho de 2021. É também um projeto de extensão do Grupo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (GEHEF).

²⁴ PÊCHEUX. *Semântica e discurso*. ORLANDI. *Análise de Discurso*.

²⁵ PÊCHEUX. *Semântica e discurso*.

²⁶ FOUCAULT. The subject and power. FOUCAULT. Prefácio à transgressão. FOUCAULT. *A ordem do discurso*.

²⁷ ORLANDI. *Análise de Discurso*.

O enunciado é, pois, contemplado por Foucault²⁸ como função enunciativa que interpreta os textos como acontecimentos discursivos engendrados por um sujeito, em um lugar institucional, marcado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam a emergência dos discursos na sociedade. A concepção de enunciado como unidade de análise é salutar para se empreender um trabalho no campo da Análise do Discurso. Nesta direção, “não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo”.²⁹

Ao analista do discurso, o relevante não é a tipologia do discurso, mas o funcionamento do discurso, que são propriedades internas ao processo discursivo: condições, remissão à forma discursiva, modo de funcionamento.³⁰ Ao partir desse pressuposto, com o intuito de entender o funcionamento dos discursos, optamos por dividi-los em duas categorias para análise: a primeira, voltada à análise da relação de poder entre o que é divulgado nas reportagens, para quem é divulgado, e com qual finalidade (condições de produção do discurso); e a segunda, referente ao gênero e à normatização das regras sociais em relação ao feminino e ao masculino.

Para construir um procedimento de análise de discurso que abarcasse os objetivos desse trabalho, adotamos três etapas, que descreveremos a seguir. A primeira etapa foi voltada à construção do objeto discursivo, ao partirmos do *corpus* documental, dividindo-o em duas séries de enunciados: os discursos dos jornais e os discursos das mulheres. Observamos a perspectiva de Foucault³¹ quanto a regras para o aparecimento do objeto discursivo, o qual se demarca a partir da superfície de emergência, instância de delimitação e grade de especificidades. O discurso expressa-se em unidades menores: o enunciado, que deve ser analisado em conjunto, produzido na dispersão de acontecimentos.

Na segunda etapa da AD, procuramos elucidar a formação discursiva dos enunciados, a fim de permitir a compreensão do sentido da palavra e como a mesma

²⁸ FOUCAULT. *Arqueologia do saber*.

²⁹ FOUCAULT. *Arqueologia do saber*, p. 113-114.

³⁰ ORLANDI. *Análise de Discurso*.

³¹ FOUCAULT. *Arqueologia do saber*.

se altera em relação à posição ocupada pelo sujeito. A formação discursiva é constituída pela formação ideológica e pela posição na conjuntura sócio-histórica, determinando o que pode e o que deve ser dito pelo sujeito.³²

Na terceira etapa do processo de AD, procuramos pelo procedimento discursivo, que dá significado ao discurso, à compreensão dos processos de produção do discurso, e à constituição do sujeito e suas posições. Devemos salientar que as formações discursivas estão ligadas aos interdiscursos, que são as representações nos discursos das formações ideológicas. As formações discursivas são entendidas como as diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas e o modo como as posições dos sujeitos e seus lugares sociais aí representados constituem sentidos diferentes.³³

Devemos evidenciar que estudos e pesquisas voltados a histórias do esporte regional apresentam dificuldades de acesso aos documentos e aos vestígios de uma história do esporte. Dentre as principais dificuldades, estão a manutenção e os investimentos em arquivos de memória social, haja vista que estas precariedades são vivenciadas em capitais e, mais evidentemente, em cidades longe dos grandes centros urbanos.³⁴ No caso da cidade de Montes Claros, não foi diferente: a disponibilidade e a conservação dos documentos, voltados à história do esporte, se mostraram bem escassas. O acesso às fontes foi dificultado pela pandemia da COVID-19, que determinou o fechamento das instituições que abrigam a maior parte dos acervos de jornais impressos da cidade, bem como dificultou a recolha das narrativas orais.

MONTES CLAROS: OS USOS E DESUSOS DO FUTEBOL FEMININO

Montes Claros é um município brasileiro, situado na região norte do estado de Minas Gerais, localizado a cerca de 422 km da capital mineira, Belo Horizonte. A base econômica de Montes Claros, na década de 1960, era sustentada pela agropecuária e por atividades mercantis. A partir da década de 1970, com o advento da Superinten-

³² ORLANDI. *Análise de Discurso*.

³³ ORLANDI. *Análise de Discurso*.

³⁴ DIAS. *Esporte e cidade*.

dência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), deu-se início, no Norte de Minas, à chamada “era da industrialização”, período no qual se verificou um incremento das atividades industriais em detrimento das atividades do setor agropecuário, ao haver a implantação de bens e serviços, como a Companhia de Energia de Minas Gerais (CEMIG) e Telecomunicações de Minas Gerais S/A (TELEMIG), implantadas, em Montes Claros, por meio de recursos da SUDENE. Tais companhias garantiram a distribuição de energia e desenvolvimento dos meios de comunicação, fatos importantes para apoiar as atividades do setor industrial.³⁵

A melhora da estrutura urbana modifica o fluxo intrarregional de pessoas, capital e tecnologia, principalmente depois da melhoria do sistema de transporte rodoviário, concretizada em 1972, com a pavimentação asfáltica da estrada que liga Montes Claros a Belo Horizonte (BR-135).³⁶ Este fato torna Montes Claros a principal cidade do Norte de Minas, porque atende os serviços locais e as novas necessidades advindas do enorme número de imigrantes vindos das cidades vizinhas. O comércio, em Montes Claros, portanto, ampliou-se e adaptou-se às novas demandas.³⁷

Para acompanhar o ideal de modernização, Montes Claros passou por uma renovação estrutural, industrial e econômica, para tornar-se uma cidade com espaços urbanos adequados e mais significativos para seus(suas) cidadãos(ãs). Almejava-se, assim, um ambiente com ares de modernidade, dinâmico, com espaço, fácil de circular e adequado ao processo de produção e escoamento da produção capitalista. Isto proporcionou uma modificação e incorporação de novos hábitos, pela população, em relação a diversas áreas da vida cotidiana. Dentre estes novos costumes, a necessidade de lazer no tempo disponível.

Desde o final da década de 1930, o futebol de campo se fazia presente entre as atividades da população montes-clarense, ao englobar a atividade da torcida nas arquibancadas (assistindo aos jogos entre equipes da cidade e região) e a prática como desporto para os funcionários do comércio e das indústrias da cidade.³⁸

³⁵ GOMES. *Discursos contemporâneos sobre Montes Claros*. SILVA. *A modernidade no sertão*.

³⁶ GOMES. *Discursos contemporâneos sobre Montes Claros*.

³⁷ DURÃES. *O Associativismo desportivo no estado de Minas Gerais*.

³⁸ SILVA. *A modernidade no sertão*. ALVES. “Da ponta dos trilhos ao centenário inventado”. FREITAS. *Mulheres, “sexo fraco... Pois sim!”*.

A prática do futebol feminino no estado de Minas Gerais apresenta registros desde 1944, com o time Araguari Atlético Clube, cujas atividades em competições tiveram início em 1958.³⁹ Já em Montes Claros, a primeira geração de mulheres que atuou nos clubes de futebol de campo está presente desde 1973, quando dois times da cidade se dispuseram a criar plantéis de atletas femininas. Ainda neste mesmo ano, houve vários amistosos promovidos pelo Ateneu e Cassimiro. Esses eventos tinham caráter circense, de entreter, de chamar a atenção do público masculino para os estádios da cidade, aumentando a arrecadação dos clubes em jogos de futebol masculino. Fora dos clubes, o futebol de campo feminino era utilizado nas indústrias, em Montes Claros, como forma de lazer e atividade física para as funcionárias.⁴⁰

No estado de Minas Gerais, os amistosos e campeonatos femininos de futebol de campo ocorrem desde o final da década de 1960. Os times femininos de Montes Claros foram convidados a participarem do primeiro Campeonato Estadual de Futebol Feminino. Esse evento foi organizado pelo Panteras Futebol Clube, da cidade de Divinópolis. O evento, que contaria com 11 times de futebol feminino do estado, não tinha fins lucrativos, uma vez que os jogos seriam com portões abertos. O evento visava divulgar e desenvolver o futebol de campo feminino. Tal evento desencadeou uma movimentação dos clubes de Montes Claros na preparação de suas atletas para o campeonato de nível estadual; de tal modo, ocorreram vários amistosos e apresentações dos times femininos.⁴¹

O futebol feminino, em Montes Claros, foi abarcado pela população montesclareense; isso era comprovado pela quantidade de reportagens produzidas sobre a modalidade. A reportagem que trazia, em seu conteúdo, a informação sobre uma intervenção do CND em relação à prática de futebol de campo feminino, na cidade, tinha, como título: “CND proíbe a prática do futebol feminino”.⁴² Os times filiados à instituição não poderiam manter equipes de futebol feminino, uma vez que essa prática era proibida por lei. Os clubes que descumprissem a determinação sofreriam

³⁹ ALMEIDA. “Boas de bola”. TELLES. *País do futebol... feminino?*.

⁴⁰ *Jornal de Montes Claros*, 27 jan. 1981, p. 5; *Jornal de Montes Claros*, 31 jan. 1981, p. 5; *Jornal de Montes Claros*, 04 fev. 1981, p. 5.

⁴¹ *Jornal de Montes Claros*, 07 fev. 1981; *Jornal de Montes Claros*, p. 5, 28 fev. 1981, p. 5.

⁴² *Jornal de Montes Claros*, 16 mar. 1981, p. 5.

punição. A prática do futebol estaria ligada à masculinização das mulheres, ao provocar um distanciamento de sua essência feminina, esta pautada em movimentos suaves e em emoções sob controle, pois o suor excessivo, os movimentos espetacularizados, o esforço vigoroso e os sentimentos transpõem os limites da imagem ideal de ser feminina.⁴³

No entanto, Montes Claros tinha dois times femininos: um do Cassimiro e outro do Ateneu, que disputavam jogos e campeonatos dentro e fora da cidade. “Assim os dois times montes-clarenses viram-se obrigados a mudarem os nomes de seus times femininos”.⁴⁴ O episódio supracitado mostra uma nítida relação de poder entre as instituições que regulam a prática esportiva e a sociedade. A imposição do CND fez com que os times repensassem a prática do futebol de campo pelas mulheres e a reorganizassem, segundo as regras de controle. Para isso, os times modificaram os nomes e fizeram novos uniformes, bem como refletiram sobre novas participações em eventos de grande repercussão.

De acordo com relatos da ex-atleta do Ateneu, Gláucia Rodrigues, em Montes Claros, o futebol de campo tinha lugar reservado no coração. Ela começou a jogar com 14 anos de idade. Gláucia descreveu um pouco do seu início:

Naquela época, quando fazíamos ginásio, era um costume nas escolas que a gente participasse de muitos esportes. Tinha um incentivo muito grande para fazer esportes, mas o que eu gostava mesmo era de jogar futebol. No Ateneu, tinha um time para meninas e tínhamos um treino por semana. Quando havia jogos de concorrências, fazíamos dois treinos por semana. Seu Nivaldo Maciel era o treinador; já o senhor Brito era o presidente do Ateneu.⁴⁵

Em sua entrevista, Gláucia deixa transparecer sua paixão pelo futebol de campo. Essa prática esportiva permitiu a oportunidade de fazer amizades, desenvolver suas habilidades esportivas e, principalmente, ter liberdade. Segundo ela, “quando eu entrava no campo, me transformava. Era uma alegria fantástica, me soltava. Era maravilhoso. Até porque a gente sentia aquela sensação de liberdade, de estar fora de casa, longe dos olhos dos pais, né?”.⁴⁶

⁴³ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil.

⁴⁴ *Jornal de Montes Claros*, 16 mar. 1981, p. 5.

⁴⁵ Entrevista a Gláucia Eliana Rodrigues, 18 ago. 2021.

⁴⁶ Entrevista a Gláucia Eliana Rodrigues, 18 ago. 2021.

A prática esportiva do futebol de campo permitia uma fuga da supervisão dos pais; era um momento de descontração. Além disso, emerge o discurso de controle sobre o corpo feminino. Apesar da permissão para a prática do futebol de campo, havia outros tipos de ações de controle, como: os horários determinados para os treinos femininos e a duração dos treinos. Os corpos femininos foram controlados e submetidos às regras de controle. Isso presente na educação, tornava-se um ponto-chave para a higiene social da estrutura familiar, dentro de uma perspectiva médico-higienista, pois, por meio dela, pretendia-se o aperfeiçoamento físico e moral das mulheres, mães das futuras gerações do país.

Além da paixão pelo futebol, Gláucia deixou claro que era muito difícil permanecer no time de futebol; havia muitas dificuldades; entre elas: transporte, horários, condições estruturais para a prática e outras atribuições cotidianas. Gláucia dependia de carona para ir ao estádio de futebol treinar. Os treinos eram no final da tarde, após o período escolar. Ela ainda coloca que muitas mulheres iam para os treinos de futebol após as jornadas de trabalho. Tal situação revela as intersecções presentes nas trajetórias esportivas das mulheres montes-clarenses.

Para além das questões de gênero, havia as questões de nível socioeconômico e disponibilidade de tempo que atravessavam estas práticas femininas. Ou seja, as mulheres fizeram-se presentes devido a uma postura aguerrida e insubmissas às normas sociais e econômicas a elas impostas. Os incentivos às meninas e mulheres que desejavam praticar o futebol, no nível competitivo ou não, apresentam características de ações efêmeras, afinal, “praticamente, inexistem políticas privadas e públicas direcionadas”⁴⁷ ao desenvolvimento do futebol feminino.

GÊNERO E NORMATIZAÇÕES: DISCURSOS QUE PERMEAVAM A PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO

As mulheres, no Brasil, possivelmente, iniciaram sua prática de futebol de campo em 1913, com uma disputa entre dois times da Zona Norte paulistana: Cantareira x Tremembé. Esse jogo teve finalidade beneficente e foi retratado, nos jornais da época,

⁴⁷ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil, p. 149.

com uma conotação circense, por meio de uma descrição que insinuava a incapacidade física das mulheres “que até podem jogar bola”.⁴⁸

O futebol feminino teve sua regulamentação, pelo CND, em 1983, a partir de quando passou a ser permitida a criação de ligas esportivas e campeonatos, além de regras específicas para a modalidade feminina, tais como: a diminuição do tempo do jogo, o tamanho do campo, o peso da bola, uso de protetores para os seios e as chuteiras, as quais não poderiam ter travas pontiagudas. Houve, também, a inclusão de uma regra diferente do futebol masculino, por meio da qual o ato de “matar” a bola no peito era considerado falta, equivalente à bola na mão.

No Brasil, estudos⁴⁹ sobre a cobertura midiática do futebol feminino, em revistas e jornais impressos, abarcam o período entre 1930 e 2015. Os resultados destes estudos apontam para uma invisibilidade das atletas do futebol feminino em comparação com os atletas do futebol masculino; a quantidade e o tamanho das reportagens produzidas sobre futebol feminino foram menores do que as do futebol masculino e há uma maior exaltação individual dos jogadores masculinos em comparação às jogadoras femininas. Os jogadores estão ligados ao mito de “herói nacional”, enquanto as jogadoras são as representantes na modalidade futebol de campo.

O futebol de campo nos remete a uma condição de funcionamento do discurso: a doutrina. Isso porque tanto o sujeito que fala, quanto o enunciado, estão submetidos ao mesmo controle: o de uma verdade, uma aceitação; e isso envolve uma regra, que é o discurso do futebol como paixão nacional, espaço generificado, ocupado pelos homens, onde seus conhecimentos e enunciados devem circular sob um status social masculino. A doutrina submete a uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam ao discurso e do discurso ao grupo.⁵⁰ Ao mesmo tempo em que o discurso sobre o futebol deve ser divulgado e disseminado, existem certas regras para fazer parte do grupo e poder apropriar-se do discurso sobre futebol.

⁴⁸ MOURA. *As relações entre lazer, futebol e gênero*. MOURÃO; MOREL. As narrativas sobre o futebol feminino.

⁴⁹ MOURÃO; MOREL. As narrativas sobre o futebol feminino; GABRIEL. *A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizado pelo caderno de esporte da “Folha de São Paulo” (1991-2011)*. PEREIRA. *Às margens de uma revista esportiva*.

⁵⁰ FOUCAULT. *A ordem do discurso*.

No *JMC*, as reportagens da página esportiva davam destaque à modalidade futebol de campo, aos dois times da cidade (Cassimiro e Ateneu), aos atletas e à comissão técnica. Eram recorrentes (quase que diariamente) entrevistas com jogadores de futebol de campo e seus técnicos. Havia uma clara hierarquização das modalidades esportivas, em relação ao gênero, na seleção, edição e na publicação das reportagens. O jornalismo esportivo prioriza o esporte praticado por homens, ao evidenciar uma hegemonia masculina no esporte. Essa hegemonia também é transferida às modalidades esportivas; assim, aquelas que são enraizadas como masculinas têm mais espaço nas mídias do que as modalidades consideradas femininas.⁵¹ “O termo esportivo dá ao jornalismo uma qualidade, designa uma especificidade, não só de produção, mas de linguagem e formato. Vale ressaltar que a linguagem usada no meio esportivo é mais leve, despojada e coloquial do que em outros editoriais”.⁵²

A reportagem intitulada “Artilheira Valéria é destaque pelo Ateneu”⁵³ foi a única encontrada, no período estudado, que conferia relevância ao desempenho de uma atleta, com exaltação de seus resultados. Em relação à sua vivência como atleta de futebol e sobre o time: “Ela explica que a maioria das atletas do time já militaram no esporte especializado, conhecendo um pouco sobre a vida esportiva ou sabendo do sacrifício que teriam para dominar uma bola com os pés”.⁵⁴

Algumas ressalvas devem ser feitas com relação ao destaque da atleta: primeiramente, a Cláudia Valéria Figueiredo Brito (Valéria) tinha 18 anos, cursava o segundo grau (atual Ensino Médio) em um colégio particular da cidade de Montes Claros, a era filha do presidente do time do Ateneu, “Sr. Brito”. Para além disso, o plantel de atletas dos dois times (Ateneu e Cassimiro) tinha idades que variavam de 11 a 27 anos de idade, havendo jogadoras negras e mais experientes. Também vale ressaltar que uma parte considerável das atletas dos dois times, além de serem jogadoras de futebol, eram funcionárias das indústrias Sion e Tok, ou vendedoras do comércio varejista da cidade.

A indústria Tok S. A. era uma indústria de manufaturado de roupas, cuja maioria dos funcionários eram mulheres costureiras. Essas mulheres tinham acesso ao esporte

⁵¹ ROMERO. A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo.

⁵² BITENCOURT. Prefácio.

⁵³ *Jornal de Montes Claros*, 04 fev. 1981, p. 5.

⁵⁴ *Jornal de Montes Claros*, 04 fev. 1981, p. 5.

proporcionado pela indústria; isso após a jornada de trabalho. Mesmo nos períodos de eventos esportivos, quando as funcionárias iam representar a empresa, não tinham qualquer regalia ou vantagem. Apenas o amor pelo esporte e o orgulho de representar seu local de trabalho. Tal postura reflete os corpos dóceis e disciplinados, que servem ao funcionamento do capital, funcionários fieis e produtivos.⁵⁵ Esta mesma estratégia de disciplinar pelo esporte, ao criar uma relação de pertencimento ao local de trabalho, era utilizada por mais indústrias de Montes Claros, como a Matsulfur.⁵⁶

Havia um sistema de subordinação interseccional entre a divulgação das modalidades esportivas, o desempenho das equipes e os eventos a serem retratados no jornal. As equipes masculinas de modalidades com força econômica, cultural e social eram as mais divulgadas. Muitas vezes, as desvantagens refletidas na interseccionalidade (gênero, raça e classe) não são percebidas, pois sua aplicação no cotidiano é tão naturalizada que se tornam imperceptíveis.⁵⁷

As atletas de Montes Claros estavam sujeitas a uma multiplicidade de desvantagens para as práticas corporais e esportivas. Como colocado pela própria Valéria: “a maioria das atletas do time já militaram no esporte especializado”.⁵⁸ As mulheres montes-clarenses lutaram para terem acesso à prática do futebol de campo. Primeiro, por ser uma modalidade proibida para mulheres; e, em segundo, por não apresentar, naquele momento, regulamentação pelas instituições de controle para a prática feminina. A prática era possível, devido às fiscalizações não serem tão efetivas e as intervenções coercitivas do CND ocorrerem por meio de denúncias. A prática do futebol de campo era mantida no cotidiano dos clubes e indústrias da cidade; apenas os eventos que geravam grande repercussão ocorriam de forma sazonal.

O futebol, em Montes Claros, na década de 1980, movimentava a cidade nos finais de semana, e era um programa familiar ir ao estádio assistir às partidas. Quando os times masculinos da cidade passaram por um processo de pouco rendimento, os dirigentes viram, nos times femininos, uma forma de atrair e manter a

⁵⁵ FOUCAULT. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*.

⁵⁶ PEREIRA; LOPES. Experiências e vivências dos trabalhadores da Companhia de Materiais Sulfurosos S. A.

⁵⁷ CRENSHAW. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.

⁵⁸ *Jornal de Montes Claros*, 04 fev. 1981, p. 5.

frequência do público no estádio. A motivação para tal ação e decisão pode estar relacionada com o que Silvana Goellner aponta:

O apelo à beleza das jogadoras e a erotização de seus corpos tem como um dos pilares de sustentação o argumento de que, se as moças forem atraentes, atrairão público aos estádios e, portanto, ampliarão os recursos captados com os jogos, propagandas, produtos e serviços a girar em torno da modalidade.⁵⁹

Ocorre a utilização dos corpos femininos como atração, objeto de manutenção do status da modalidade: “Saiote, é a novidade que as cassimirenses vão mostrar na sexta-feira”.⁶⁰ O enunciado, aqui, propõe o “saiote” como chamariz; ou seja, remete à ideia de “corpos desnudos”, ao sexo, à sedução, ao poder da exposição do corpo feminino. É permitida, naquele contexto da partida de futebol, a exposição dos corpos femininos; mas, o mesmo é vetado fora dos gramados ou das quadras. Segundo Foucault,⁶¹ o paradoxo entre o permitido e o proibido, em relação ao sexo, à sexualidade e aos corpos, se faz presente no uso do poder e do discurso:

O que significa, em primeiro lugar, que o sexo fica reduzido, por ele, a regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido. Em seguida, que o poder prescreve ao sexo uma ordem que funciona, ao mesmo tempo, como forma de inteligibilidade: o sexo se decifra a partir de sua relação com a lei, E, enfim, que o poder age pronunciando a regra: o domínio do poder sobre o sexo seria efetuado através da linguagem, ou melhor, por ato do discurso que criaria, pelo próprio fato de se enunciar, um estado de direito.⁶²

Dessa forma, o poder sobre os corpos representa-se na aparência, no contorno dos corpos e na vestimenta, que nem sempre proporcionava um aumento na performance, mas revela a perfeição da imagem feminina que, em um primeiro momento, transparece a intensão e as significações sociais.⁶³ A linguagem utilizada no jornalismo esportivo indica uma diferença de tratamento nos esportes praticados

⁵⁹ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil, p. 147.

⁶⁰ *Jornal de Montes Claros*, 25 mar. 1981, p. 5.

⁶¹ FOUCAULT. *História da sexualidade I*.

⁶² FOUCAULT. *História da sexualidade I*, p. 91.

⁶³ SOARES. *As roupas nas práticas corporais e esportivas*.

por homens e mulheres.⁶⁴ As reportagens esportivas citam mais vezes os atletas homens, por suas habilidades atléticas, do que as mulheres, que recebem mais citações em relação à sua aparência física.⁶⁵

A cobertura midiática concebida ao futebol feminino é precária, ao evidenciar, de forma proeminente, a imagem estética dos corpos das atletas, árbitras ou treinadoras em detrimento de suas habilidades esportivas. Existe uma necessidade, por parte dos narradores, comentaristas e repórteres, como agentes de um veículo midiático, de manter o interesse do público, deslocando a atenção, primeiramente, à condição física (aparência) das atletas, mesmo que haja elementos técnicos e táticos presentes para serem destacados.⁶⁶ Tal abordagem é identificada independentemente do tipo de mídia utilizada, ou do nível das competições, sejam em nível nacional e/ou internacional.⁶⁷

As mulheres que se identificam como atletas e que se dedicam às práticas esportivas estão assujeitadas e interpeladas por ideologias de controle dos corpos femininos que permeiam as relações de poder no universo esportivo e social.⁶⁸ No entanto, ao mesmo tempo em que os discursos de interdição e fragilidade tentam educar e direcionar as práticas e os corpos femininos, pela circulação e disseminação desses discursos no universo esportivo, eles produzem subjetividades que superam esses discursos. As atletas montes-clarenses se sobrepuseram aos discursos de interdição e às barreiras sociais e estruturais para suas práticas esportivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para as mulheres, sua inserção no campo esportivo foi uma forma de transgressão, de ocupação forçada de um ambiente inóspito que não deveria ser ocupado por elas. Isso se aplica à prática do futebol de campo, espaço reivindicado pelas mulheres. Em Montes Claros, a prática do futebol feminino estava submetida a intersecções, devido às condições impostas para estarem presentes nos treinos e nas competições.

⁶⁴ SIQUEIRA. *Fragilidade, ode ao corpo e “derrota”*.

⁶⁵ SOUZA; KNIJNIK. A mulher invisível.

⁶⁶ SANTOS; MEDEIROS. O futebol feminino no discurso televisivo.

⁶⁷ MARTINS; MORAES. Futebol feminino e sua inserção na mídia.

⁶⁸ FOUCAULT. The subject and power.

As mulheres deveriam, primeiramente, exercer todas as suas várias atribuições; entre elas: o trabalho, os afazeres domésticos e os estudos, para depois poderem se dedicar ao esporte.

A sociedade montes-clarense não apresentava uma rigidez referente às regras de moralidade burguesa, sendo a prática do futebol feminino abarcada pela sociedade. Porém, ainda assim, havia a presença de discursos médicos e androcêntricos que permeavam as relações de poder, e que emergiam no âmbito esportivo, fundamentados no determinismo biológico, no patriarcado e no sexismo. As mulheres, na cidade de Montes Claros, desenvolveram e permaneceram na prática do futebol de campo.

Inferimos que, ao pesquisarmos e analisarmos as trajetórias vividas por mulheres atletas, abrimos caminhos para uma compreensão do protagonismo destas mulheres como um ato político, presente na dimensão social, definida como uma ação que vislumbra algo novo, que inaugura uma nova perspectiva sobre a presença das mulheres em diferentes espaços e tempos. Entendemos, assim, a necessidade de estudos e pesquisas que abordem, historicamente, o esporte como constructo social, que façam análises das questões de gênero, ao inferir sobre a presença feminina no âmbito regional e local, a fim de identificar as continuidades e descontinuidades históricas.

* * *

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. História dentro da História. In: PINSK, Carla Bassanezi. (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

ALMEIDA, Caroline Soares de. **“Boas de bola”**: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFSC, Florianópolis, 2013.

ALVES, Rogério Othon Teixeira. **“Da ponta dos trilhos ao centenário inventado”**: práticas modernas de divertimento em Montes Claros/ MG (1926-1957). Tese (Doutorado em Estudos do Lazer), EEFETO/UFMG, 2018.

Artilheira Valeria é destaque pelo Ateneu. **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 5, 04 fev. 1981.

Ateneu x Cassimiro com equipes femininas. **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 5, 31 jan. 1981.

Ateneu e Cassimiro no campeonato estadual de futebol feminino. **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 5, 28 fev. 1981.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução: Sérgio Millet. Capa: Fernando Lemos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BITENCOURT, L. Prefácio. In: PIRES, Giovani de Lorenzi. (Org). **Observatório da mídia esportiva**: a cobertura jornalística dos Jogos Abertos de Santa Catarina, 2007.

BRASIL. Decreto Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as normas para desporto em todo país. Rio de Janeiro, RJ, 1941.

BRASIL. Lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975. Institui normas gerais sobre desportos, e dá outras providências. Brasília, DF, 1975.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1998.

Clássico feminino antecipado para dia 13. **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 5, 04 fev. 1981.

CND proíbe a pratica de futebol feminino. **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 5, 16 mar. 1981.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, n. 10, p. 171-188, 2002.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; História oral e narrativas: tempos, memória e identidades. **História Oral**, v. 6, Dossiê: Tempo e Narrativa, p. 9-25, 2003.

DIAS, Cleber. Esporte e cidade: balanços e perspectivas. **Tempo**, Niterói, v. 17, n. 34, p. 33-44, 2013.

DURÃES, Geraldo Magela. **O Associativismo desportivo no estado de Minas Gerais**: estudo das “Praças de Esportes” com ênfase na criação do Montes Claros Tênis Clube. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto), Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2011.

Entrevista a Gláucia Eliana Rodrigues gravada via Google Meet. Entrevistadora: Andréia Luciana Ribeiros de Freitas. Montes Claros/MG, CEMESP-Unimontes, 20', 18 ago. 2021.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

Elas as boas de bola... **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 5, 07 fev. 1981.

FERNANDES, Mario Luiz. A proximidade como valor-notícia na imprensa do interior. In: ASSIS, F. (Org.). **Imprensa do interior**: conceitos e contextos. Chapecó: Argos, 2013.

FOUCAULT, Michel. The subject and power. **Critical Inquiry**, v. 8, n. 4, Summer, 1982, p. 777-795.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. Prefácio à transgressão. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Ditos e Escritos**, v. I: Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 152-161.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Franca de Almeida Sampaio. São Paulo: Editora Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves, Rio de Janeiro: Fonseca Universitária, 2020.

FREITAS, Andréia Luciana Ribeiro de. **Mulheres, “sexo fraco... Pois sim!”**: práticas esportivas em Montes Claros/MG (1979 a 1986). Dissertação (Mestrado em História), Unimontes, Montes Claros/MG, 2022.

Futebol Feminino. Coluna Coquetel. **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 4, 27 jan. 1981.

Futebol feminino deverá empolgar torcedores locais. **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 5, 27 jan. 1981.

GABRIEL, Bruno José. **A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizado pelo caderno de esporte da Folha de São Paulo (1991-2011)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), UEPG, Ponta Grossa/PR, 2015.

GLEYSE, Jacques; SOARES, Carmem Lúcia. Os manuais escolares franceses de Educação Física, de Higiene e de Moral seriam sexistas? (1880-2004). **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 102, p. 137-156, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre; FARIA, M. F de. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí, 2003, 152 p. (Coleção educação física). **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 221-223.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, 8 (1), p. 85-100, 2005-a.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005-b.

GOMES, Fernanda Silva. **Discursos contemporâneos sobre Montes Claros**: (re)estruturação urbana e novas articulações urbano-regionais. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), UFMG, Belo Horizonte, 2007.

HOLT, Richard. Primeiros esportes. In: CORBIN, Alain. (Org). **História do corpo**: da Revolução a Grande Guerra, v. II. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Modos de ver: a (in)visibilidade feminina enquanto profissional do esporte. **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo; Rio de Janeiro, 2015.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **A mulher brasileira e o esporte**: seu corpo, sua história. São Paulo: Mackenzie, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, p. 99-108, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Tradução: Freda Indursky. Campinas/SP: Pontes, 1993.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. Futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 1, n. 10, p. 69-81, jan./jun. 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe B; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral para empresas, universidades, comunidades e famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MOURA, José Eriberto Lessa. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Unicamp, Campinas/SP, 2003.

MOURÃO, Ludmila Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo em educação. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.

NETTO, Américo R.. Esporte libertador da mulher. **Revista Educação Physica**, n. 10, p. 23-24; 92, jun.1933.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas/SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas/SP: Editora Unicamp, 1995.

PEREIRA, Laurindo Mékie; LOPES, Irineu Ribeiro. Experiências e vivências dos trabalhadores da Companhia de Materiais Sulfurosos S. A. – MATSULFUR de Montes Claros/MG (1969-1994). **Revista Semina**, Passo Fundo/RS, v. 13, n. 1, p. 286-301, 2014.

PEREIRA, Marcela Caroline. **Às margens de uma revista esportiva**: a seleção brasileira de futebol feminino nas páginas da *Placar* (1991-2015). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), UEPG, Ponta Grossa/PR, 2018.

ROMERO, Eliane. A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo. In: **III Fórum de debate sobre mulher e esporte**: mitos e verdades, 2004.

Saiote, é a novidade que as cassimirenses vão mostrar na 6.^a feira. **Jornal de Montes Claros**, Montes Claros, p. 5, 25 mar. 1981.

SANTOS, Doiara Silva dos; MEDEIROS, Ana Gabriela Alves. O futebol feminino no discurso televisivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis**, v. 34, n. 1, p. 185-196, jan./mar. 2012.

SILVA, Lindon Jonhson Dias da. **A modernidade no sertão**: a experiência do I Plano Diretor de Montes Claros na década de 1970. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social), Unimontes, Montes Claros/MG, 2008.

SIQUEIRA, Nathália Cristina Pinheiro. **Fragilidade, ode ao corpo e “derrota”**: Uma pesquisa sobre como a mulher no esporte é representada no jornal Correio Braziliense. Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília, 2007.

SOARES, Carmem Lúcia. **As roupas nas práticas corporais e esportivas**: a educação do corpo entre o conforto, elegância e eficiência (1920-1940). Campinas/SP: Autores Associados, 2011.

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**; 21(1): 35-48, jan.-mar. 2007.

TELLES, Gabriella Pereira. **País do Futebol... Feminino?** A (in)visibilidade das mulheres quando nas linhas. Rio de Janeiro, 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo), Escola de Comunicação, UFRJ, 2017.

TOLVHED, Helena. “Sex dilemmas, amazons and cyborgs: feminist cultural studies and sport”, **Culture Unbound**, Journal of Current Cultural Research. v. 5, 2013, p. 273-289.

WITTER, João Sebastião. **O que é futebol**. São Paulo, Brasiliense, 1990.

* * *

Recebido em: 08 abr. 2023.
Aprovado em: 23 jul. 2023.